

No grande vapor de passageiros que à meia-noite devia partir de Nova Iorque para Buenos Aires, reinava a azáfama e a agitação habituais de última hora. Em terra acotovelavam-se pessoas que se tinham ido despedir dos amigos. Rapazes dos telégrafos, com bonés à banda, percorriam os salões a gritar nomes, malas de porão e flores eram empurradas para bordo, crianças corriam, curiosas, escada acima, escada abaixo, enquanto a orquestra, imperturbável, tocava a acompanhar o espetáculo na coberta. Era aí que eu me encontrava, a conversar com um conhecido, um pouco à parte daquela confusão, quando dois ou três *flashes* dispararam perto de nós. Ao que parecia, repórteres entrevistavam e fotografavam à pressa alguém importante antes da partida. O meu amigo olhou nessa direção e sorriu.

— Tem uma ave rara a bordo, o Czentovic. — E como, ao ouvir aquelas palavras, fiquei com uma expressão perplexa, ele acrescentou: — Mirko Czentovic, o campeão mundial de xadrez. Ele percorreu a América, da costa leste à costa oeste, a participar em torneios, e agora viaja para a Argentina, ao encontro de novos triunfos.

Com efeito, recordava-me daquele jovem campeão de xadrez, e mesmo de alguns pormenores relacionados com a sua carreira meteórica. O meu amigo, um leitor de jornais mais atento do que eu, conseguiu completá-los com o relato de uma série de episódios. Cerca de um ano antes, Czentovic colocara-se de súbito ao nível dos mais experientes mestres de xadrez, como Alekhine, Capablanca, Tartakower, Lasker e Bogoljubow. Desde a entrada em cena de Rzewski, o menino-prodígio de sete anos, no torneio de xadrez de 1922, em Nova Iorque, a irrupção de um completo desconhecido naquela famosa guilda nunca causara tal sensação. Na verdade, as capacidades intelectuais de Czentovic não pareciam de modo nenhum vaticinar uma carreira tão fulgurante. Em breve começou a ser revelado o segredo de que, na sua vida privada, aquele mestre de xadrez era incapaz de escrever uma frase sem erros ortográficos fosse em que língua fosse e, como um dos seus colegas, irritado, escarnecia raivosamente, «a sua falta de cultura era universal em todos os domínios». Filho de um eslavo meridional, um barqueiro paupérrimo do Danúbio, cuja embarcação minúscula foi certa noite abalroada por um vapor carregado de trigo, depois da morte do pai o rapazinho, então com doze anos, foi recolhido por caridade pelo padre da localidade recôndita onde vivia. E o bondoso sacerdote fez o possível por compensar, por meio de aulas em casa, o que aquela criança taciturna, apática e de testa larga não conseguia aprender na escola da aldeia.

Porém, todos os esforços foram em vão. Mirko olhava fixamente os caracteres escritos que já lhe haviam explicado centenas de vezes como se não os conhecesse. E o seu cérebro embotado não conseguia apreender as matérias mais simples. Aos catorze anos, ainda precisava de se socorrer dos dedos quando tinha de fazer cálculos; e ler um livro ou um jornal

representava um enorme esforço para o jovem quase adulto. No entanto, não se podia dizer que Mirko fosse relutante ou rebelde. Cumpria obedientemente o que o mandavam fazer, ia buscar água, cortava lenha, colaborava nos trabalhos agrícolas, arrumava a cozinha e, embora com uma lentidão irritante, realizava escrupulosamente qualquer tarefa de que fosse incumbido. Mas o que mais contrariava o bom do padre era o total desinteresse daquele rapaz casmurro. Não fazia nada a não ser que lho exigissem formalmente, nunca fazia uma pergunta, nunca brincava com outros rapazes e nunca procurava uma ocupação, a não ser que lho ordenassem expressamente. Mal despachava as tarefas domésticas, sentava-se impassível na sala com aquele olhar vazio das ovelhas no pasto, sem mostrar o menor interesse pelo que o rodeava. À noite, enquanto o pastor, a fumar o seu longo cachimbo, jogava as habituais três partidas de xadrez com o sargento da gendarmaria, o rapaz louro ficava sentado ao lado deles, em silêncio, a fixar o tabuleiro aos quadrados sob as pálpebras pesadas, aparentemente ensonado e indiferente.

Uma noite de inverno, enquanto os dois parceiros estavam mergulhados na sua partida diária, ouviram-se na rua as campainhas de um trenó, que se aproximava a uma velocidade cada vez maior. Um camponês, com o gorro coberto de neve, entrou apressado: a sua velha mãe estava às portas da morte e o padre tinha de se despachar para chegar a tempo de lhe dar a extrema-unção. Sem hesitar, o pároco seguiu-o. O sargento, que ainda não tinha acabado de beber o seu copo de cerveja, acendeu um novo cachimbo para despedida e preparava-se para calçar as botas de cano alto quando reparou no olhar de Mirko fixado no tabuleiro de xadrez com a partida começada.

— Então, queres acabá-lo? — atirou-lhe, perfeitamente convencido de que o jovem sonolento não seria capaz de

mover corretamente uma única peça no tabuleiro. O rapaz olhou-o timidamente, fez que sim com a cabeça e instalou-se no lugar do padre. Ao fim de catorze lances, o sargento estava vencido, tendo além disso de admitir que a sua derrota não se devia de modo nenhum a um movimento negligente ou descuidado da sua parte. A segunda partida teve o mesmo desfecho.

— É o burro de Balaão! — exclamou o padre estupefacto quando regressou, explicando ao sargento, menos entendido na Bíblia do que ele, que há dois mil anos já se dera um milagre semelhante, quando um ser irracional de repente começara a falar com sabedoria. Apesar da hora avançada, o padre não se conteve e convidou o seu fâmulos semianalfabeto para um desafio. Mirko também o derrotou facilmente. Jogava com tenacidade, lentamente, imperturbável, sem uma única vez levantar a testa alta curvada sobre o tabuleiro. Mas jogava com uma segurança incontestável. Nos dias que se seguiram, nem o sargento nem o padre conseguiram ganhar-lhe uma partida. Este último, capaz de avaliar melhor do que ninguém o atraso do seu pupilo noutros domínios, ficou seriamente curioso de saber em que medida esse talento estranho e unilateral resistiria a uma prova mais rigorosa. Depois de ter mandado Mirko ao barbeiro da aldeia para cortar a guedelha loura, a fim de o tornar relativamente apresentável, levou-o no seu trenó à pequena cidade vizinha, onde, num canto do café da praça principal, se reuniam os entusiastas do xadrez, com os quais sabia por experiência não estar à altura de rivalizar. Não foi pequena a surpresa do círculo de jogadores quando o sacerdote empurrou o rapaz de quinze anos, louro e de faces coradas, com a sua pele de carneiro virada ao contrário e as pesadas botas de cano alto, para dentro do café, onde o rapaz ficou de pé a um canto, acanhado e com os olhos baixos, até o chamarem para uma

das mesas de xadrez. Na primeira partida, Mirko foi vencido, pois nunca vira a chamada abertura siciliana em casa do pároco. A segunda partida, contra o melhor jogador, saldou-se num empate. E a partir da terceira e da quarta, bateu-os a todos, um após outro.

Uma vez que os acontecimentos emocionantes são muito raros numa pequena cidade de província da Eslavónia meridional, a entrada em cena daquele campeão rústico causou uma sensação imediata entre os notáveis reunidos. Foi decidido por unanimidade que era indispensável o rapaz prodigioso ficar na cidade até ao dia seguinte, de modo a que fosse possível convocar os outros membros do clube de xadrez e, principalmente, informar no seu castelo o velho conde Simezic, um fanático do xadrez. O padre, que olhava para o seu pupilo com um novo orgulho, mas que não queria faltar à missa de domingo, apesar da alegria causada pela sua nova descoberta, ofereceu-se para deixar lá Mirko a fim de se submeter a uma nova prova. O jovem Czentovic foi alojado no hotel a expensas do clube de xadrez e, nessa noite, viu pela primeira vez uma sanita. No domingo à tarde, a sala de xadrez estava a deitar por fora. Durante quatro horas, Mirko, sentado imóvel diante do tabuleiro, sem proferir palavra ou sem sequer levantar os olhos, venceu um jogador após outro. Finalmente, alguém sugeriu uma simultânea. Foi preciso algum tempo para explicar ao rapaz ignorante que numa simultânea ele tinha de se bater sozinho contra todos os jogadores. Porém, mal Mirko compreendeu a ideia, pôs-se imediatamente em campo e deslocou-se devagar de mesa em mesa com os seus sapatos pesados e que rangiam, acabando por ganhar sete das oito partidas.

Tiveram então início grandes deliberações. Embora aquele novo campeão, rigorosamente falando, fosse um forasteiro, o orgulho local inflamou-se. Talvez finalmente a pequena cida-